



Nº 06

REVISTA

CULTURA, ESTÉTICA & LINGUAGENS

VOL. 06, Nº 1 - 1º SEMESTRE - 2021

ISSN 2448-1793

DOSSIÊ IMAGENS
AUTO/BIOGRÁFICAS
NA HISTÓRIA E NA
PRÁTICA ARTÍSTICA



MOVIMENTOS DOS(AS) CORPOS(AS) NA PAISAGEM PERIFÉRICA DE ÁGUAS CLARAS

MOVIMIENTOS DE LOS CUERPOS
EN EL PAISAJE PERIFÉRICO DE ÁGUAS CLARAS

<https://doi.org/10.5281/zenodo.4818302>

Envio: 11/02/2021 ♦ Aceite: 04/04/2021

Jamila Reis



Geógrafa negra de Salvador-BA, pesquisadora das artes urbanas e corporeidades poéticas-políticas negras. Mestranda no PosGEO-UFBA, Pós-graduanda em Docência - Ênfase na Educação Básica pelo IFMG e membro do grupo de pesquisa Produção do Espaço Urbano (PEU-UFBA), onde desenvolve pesquisas que dialogam Geografia, Arte e Espaço Público.

Luar Vieira



Corpa-negra, baiana, arquiteta, urbanista, paisagista e ilustradora. Mestranda no PPGAU-UFBA com pesquisa em Paisagens Periféricas. Atualmente participa dos grupos de pesquisa Urbanidades Liminares (PPGAU-UFBA) e Espaço Livre (POSGEO-UFBA). Integra a Coletiva Perifa - que tem como foco assistência técnica na periferia e colabora na Coordenação de Comunicação do Coletivo JACA- Juventude Ativista de Cajazeiras.

Maria Auxiliadora da Silva



Possui graduação em História pela Universidade Federal da Bahia (1964) e doutorado em Geografia - Université de Strasbourg - França (1972). Pós-doutorado Universidades de Rouen e Toulouse Le Mirail - França. Atualmente é Professor Associado I da Universidade Federal da Bahia. Atua na área de Geografia Urbana, com ênfase em Salvador e sua área metropolitana. Trabalha, também com o Espaço Geográfico na Literatura e Arte, Memória Geográfica e Milton Santos o homem e a obra.

RESUMO:

O presente trabalho transita entre maneiras poéticas e viscerais de interpretar o mundo através de narrativas periféricas que não estão presentes nos discursos ditos como oficiais, que por meio das suas fabulações produzem mecanismos para (re)criar o cotidiano assumindo um diálogo interpretativo decolonial. Nesse ínterim, além de discorrermos sobre o lugar Águas Claras, bairro popular da cidade de Salvador, Bahia, por via das memórias, utilizamos as imagens como metodologia na construção de narrativas visuais através da colagem digital, onde as expressões corporificadas revelam as paisagens periféricas e são enunciações, em seu bojo, de elementos criativos e maneiras de questionar cruciais brechas para a criação de uma visão de mundo que já se anuncia. A imagem e estética assumem posição de destaque, possibilitando transformar um lugar, criando percursos que semeiam a dialética da desconstrução e da construção de mundos.

PALAVRAS-CHAVES: paisagem-periférica; corpos(as); narrativas; Águas Claras; fabulações.

RESUME:

La presente obra transita entre formas poéticas y viscerales de interpretar el mundo a través de narrativas que, a través de sus fabulaciones, producen mecanismos para (re)crear la vida cotidiana asumiendo un diálogo interpretativo descolonial. Mientras tanto, además de discutir el espacio-lugar Águas Claras, un barrio popular de la ciudad de Salvador-Ba, a través de los cruces-recuerdos, utilizamos la imagen como metodología en la construcción de narrativas visuales a través del collage digital, donde las expresiones encarnadas revelan paisajes periféricos y son enunciados, en su núcleo, de elementos creativos, formas de cuestionar y reconstruir brechas cruciales para la creación de una cosmovisión ya anunciada. El lenguaje asume un lugar destacado, possibilitando la transformación de un lugar, creando caminos que siembran la dialéctica de la desconstrucción y la construcción del mundo.

PALABRAS CLAVE: paisaje-periférico; cuerpos(as); narrativas; Águas Claras; fabulations.

INTRODUÇÃO

O que há na paisagem periférica para além do olhar estigmatizado? A afirmação de Eric Dardel “a paisagem não é feita para se olhar” (DARDEL, 2015, p.31), coloca-nos em posição de reflexão sobre a construção da paisagem periférica enquanto conceito visceral e sensível para a compreensão do espaço. Quando descrevemos e analisamos a paisagem periférica, estamos nos referindo não somente ao que se vê no desenvolvimento da cidade, mas também “como a experienciamos além da visão sobre o ser ‘o ser na paisagem’, o modo como seres humanos estão no mundo e se ligam ao mundo através de seus corpos e suas sensibilidades” (BESSE, 2010, p.263). No presente artigo entendemos que essas expressões corporificadas são capazes de nos revelar perspectivas consolidadas no espaço vivido que por meio da sua autenticidade caracterizam-se também enquanto enunciações do sensível pois, ultrapassam as subjetividades reprimidas encaixadas em modelos de normatividades e seus corpos situados rebelam-se ao que está posto por várias vias, destacamos aqui a estética que desafia estereótipos.

É nesse sentido que, através de colagens digitais, construímos representações como conectivo de memórias e trajetórias que se cruzam, produzindo novas referências. A colagem digital aqui é pensada como metodologia e narrativa visual que possibilita a interpretação da paisagem-periférica, arte política em diálogo decolonial. Ao afirmar essa perspectiva, questionamos a lógica da modernidade/colonialidade, no âmbito teórico, político, epistemológico e prático.

O presente artigo tenciona a necessidade de construção de futuros a partir de outras narrativas sobre o território, onde o(a) corpo(a) racializado(a), o cosmo e o lugar constituem a paisagem periférica. O(a) corpo(a)-expressão e as (re)existências negras da diáspora têm se constituído, de modo a criar elos interessantes que deslocam epistemologias congeladas que excluem outros paradigmas. A cosmovisão perpetuada pela cultura negra vem contra toda uma epistemologia fundada no racismo em nossa sociedade (OLIVEIRA, 2012). Nesse sentido, faz-se necessário o uso de diferentes e

criativas maneiras de questionar, problematizar e reconstituir narrativas que são cruciais para a criação de uma visão de mundo contra-hegemônica (hooks, 2017). Transformar um lugar através dessas práticas expressivas, onde a linguagem assume destaque, é criar percursos que semeiam a dialética da desconstrução e da construção de mundos (KILOMBA, 2016).

O desenho da globalização e o contexto geopolítico atual, configura-se em um campo de disputas ideológicas e mercadológicas que nos afetam em diferentes esferas e atravessam também os nossos corpos. As consequências dessa globalização perversa (SANTOS, 2006), são as mais diversas, incluindo a nítida desigualdade. Aqueles sujeitos que são os mais atingidos pela precariedade da vida e do trabalho, por vias escapatórias dispõem-se a sonhar com outras possibilidades de existência, alentados pela esperança de construção de uma sociedade igualitária. Este corpo está geograficamente localizado em sua maioria nas periferias do globo. Pensar a dinâmica de narrativas incorporadas é analisar a potencialidade da geopolítica dos(as) corpos(as) e a construção de epistemologias que são contadas por outras óticas deslocando o lugar periférico. Essas são inovações linguísticas na estilização retórica do corpo, a forma de ocupar um espaço social” (HALL, 2003, p. 155), sendo precisamente um posicionamento de ser no mundo e a maneira como se relaciona com ele. E é assim que esse corpo(a) atravessado pelas multiplicidades, as narrativas, as poéticas corporificadas são portais da alteridade (MARTINS, 2003) e faíscas que semeiam o devir.

O lugar pensado pelo vivido pode ser analisado por múltiplas escalas, sendo o local que se articula com o global. Desse modo, é possível interpretar a reprodução da vida na cidade, que se revela nos(as) corpos(as) e nos dão pistas das suas relações com o espaço habitado. É precisamente essa apropriação do espaço pela dimensão corporificada. Esses(as) sujeitos(as) traçam táticas que subvertem através dos usos e das ações, as estratégias de grupos hegemônicos, como sublinhado por Michel de Certeau (1994), na produção do espaço urbano. Ações que podem revelar “maneiras de fazer”, através das quais esses(as) sujeitos(as) “se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural” (CERTEAU, 1998, p.41), parece, pois, importante

para entender as dinâmicas do espaço sob a perspectiva da enunciação; privilegiamos a ação e as narrativas poéticas-estéticas de experiências no cotidiano periférico.

Sobre a experiência do espaço e lugar negro(a) é importante considerar o processo histórico de exclusão socioespacial, o espaço criminalizado (CAMPOS, 2005) onde suas práticas, cultura e sujeitos são marginalizados pela parcela que compõe a “elite” da sociedade.

Aos negros acabaram sendo destinadas as áreas distantes do núcleo destinado à população branca: áreas desestruturadas, com infraestrutura urbana desigual, com menor possibilidade de acesso ao emprego, educação e lazer — áreas com baixíssima qualidade de vida urbana. Podemos falar em uma segregação planejada pelo Estado (SANT’ANA, 2007, p.03).

Historicamente, o espaço urbano brasileiro é ocupado de maneira desigual. Referindo-se à ocupação da população negra, os lugares habitados pós período escravocrata foram lugares preteridos que culminam nas atuais favelas e periferias. O geógrafo Andreilino Campos (2005) considera que a favela representa para a sociedade republicana o mesmo que o quilombo representou para a sociedade escravocrata. Na discriminação como mecanismo da distância social e na construção de uma nação que não se fez de maneira homogênea, o “Outro” (KILOMBA, 2019) continua sendo o diferente, não exclusivamente pela cor, mas em todas as suas atividades, quase sempre, consideradas inferiores.

Neste percurso, é relevante a forma como alguns sujeitos provenientes de populações socialmente excluídas, utilizam-se do(a) corpo(a)-expressão-negra para enunciar de forma eloquente os discursos e ações como táticas de resistência ao processo estrutural de marginalização. Pensando nas forças criativas e criadoras que surgem desses lugares, o bairro popular da cidade de Salvador, Bahia, Águas Claras, será o locus das discussões e análises descritas no presente artigo que tem como objetivo (1) enunciar paisagens periféricas em movimento e seus corpos(as); (2) analisar as produções estéticas e estratégias de sobrevivência do bairro de Águas Claras; (3) analisar a cultura por meio de produções visuais. Desse modo a pesquisa realizou-se por meio de uma metodologia que costurou as vivências das autoras com o aporte teórico

que conduziram por narrativas que nos movimentam no sentido de articular uma nova lógica de pensar, seguimos caminhos em direção a fabulações para uma nova visão de mundo.

ÁGUAS CLARAS: UM PERCURSO ENTRE AS SUAS MEMÓRIAS

Situado nas margens da cidade de Salvador-Ba, Bahia, o bairro Águas Claras recebeu esse nome devido à abundância de águas límpidas que representavam o lugar. As primeiras pessoas a habitar estas terras eram escravizados(as), remanescentes do Quilombo do Urubu que foi se espalhando com a prisão de Maria Zeferina, sua guerreira; mesmo com isso assim, algumas pessoas ainda ficaram permaneceram em suas casas de taipa localizadas no território.

Em 1850, foi criada com a Lei de Terras (Lei nº 601, e seu Decreto regulamentador. Decreto nº 1.318, de 30 de janeiro de 1850), o Brasil passou a dispor de um instrumento que permitia o acesso legal à propriedade da terra. Com isso, as terras férteis chamaram atenção dos fazendeiros que lotearam toda a área. Terra livre agora tinha dono. Através de relatos de moradores mais antigos(as), é possível fabular suas memórias de como era no passado a da Praia dos Pretos, e os caminhos que eram atravessados pelas águas:

A Baixada era coberta de água, dizem que quem morava aqui descia lá pra pegar água, lavar roupa e se divertir. Chamavam de Praia dos Pretos, assim eu já ouvi falar, mas não sei se é verdade (D. Maria ⁷-Moradora do bairro há 40 anos).

Essa tal relação de proximidade com as águas e o cotidiano dos(as) moradores(as) do bairro é relatado são relatados também no livro, “O Caminho das Águas em Salvador”:

⁷ Nome fictício utilizado para preservar a identidade da pessoa entrevistada.

O rio que cortava essa área era chamado de 'Praia dos Pretos', oficialmente denominado de Riacho Cabo Verde, onde costumávamos descer para pescar. Levávamos carne para assar e passávamos todo o dia nos divertindo. No fundo do Hospital Rodrigo de Menezes, ainda existem resquícios desse patrimônio ambiental, só que as águas estão poluídas (SANTOS, 2010, p. 34).

Em meados da década de 1970, o bairro de Cajazeiras recebe o maior projeto habitacional da América Latina criado pelo Governo do Estado através do programa URBIS (Habitação e Urbanização da Bahia S.A.). Anunciado em campanhas eleitorais patrocinadas por grandes empresas e prometiam prometendo uma “nova cidade”, rapidamente deu espaço proporcionou uma realidade altamente precária, revelando a fragilidade desse discurso. Com o aumento deliberado da necessidade de saneamento básico, o Governo do Estado implantou as lagoas de estabilização chamadas pelos moradores de Pinicões, transmutando a paisagem periférica da comunidade que o margeia.

Com a construção de um matadouro, e de casas para os seus funcionários, o povoamento se tornou mais denso, sendo consolidado com a construção dos conjuntos habitacionais do Complexo Cajazeiras/Fazenda Grande, em meados dos anos 70. A instalação dos serviços urbanos no bairro foi fruto da luta da Associação de Moradores e de um grupo de mulheres. Apesar da antiga URBIS ter construído o Loteamento João de Barro I e II, foi a luta dos moradores que garantiu a presença da comunidade no loteamento: “só quem recebia os lotes era gente empregada, o povo não tinha direito, assim, nos reunimos e invadimos esse loteamento. Tomamos surra da polícia, batemos nos funcionários da URBIS, queimamos carro, mas conseguimos (SANTOS, 2010, p.69).



Imagem 01: Transformações e Permanências. Autoria: Luar Vieira, 2020.

A imagem 01 representa as transformações do espaço territorial de Águas Claras e suas adjacências com a implantação do projeto URBIS e as permanências dos(as) corpos(as) negros(as) que não foram incluídos nem consultados para a construção dessa ‘Cidade’ de médio porte. O planejamento urbano imposto não contou a participação dos(as) moradores(as) do lugar, tornando as decisões arbitrárias, desconsiderando as relações estabelecidas no espaço vivido. Concordamos com Serpa (2002), ao argumentar sobre a importância do planejamento urbano participativo quando diz que:

A noção de autonomia é fundamental: autonomia de decisão, expressa na participação efetiva das comunidades locais no processo de planejamento urbano. O planejamento participativo implica na sensibilização e capacitação das comunidades locais. Não pode haver autonomia sem capacitação, sem informação. A noção de redes de relações sociais deve estar na base da formulação de uma estratégia, de uma metodologia de ação coletiva. A ideia de bairro do planejador

difícilmente coincide com a do morador. Os bairros devem ser vistos aqui como espaços vividos e sentidos, como lugares de experiência. Os bairros expressam e condicionam as redes de relações sociais, de vizinhança, de parentesco, de amizade e também as redes associativistas (igrejas, terreiros, associações de moradores, clubes de mães, etc.). Descentralizar o planejamento em direção aos bairros significa sobretudo dar voz e instrumentalizar os diferentes grupos e redes na gestão do espaço urbano (SERPA, 2002, p. 295-303).

O bairro de Águas Claras está localizado a aproximadamente 25 km de distância do Centro da Cidade de Salvador, como mostra o mapa de localização na Imagem 02. De acordo com o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU) – 2016, o bairro se torna uma Macro-área de Integração Metropolitana (MIM) e também Zona Centralidade Metropolitanas (ZCME). Isso quer dizer que a integração de Salvador com os municípios da Região Metropolitana vem sendo intensificada com a construção da via expressa, da sede do Detran-BA (Departamento Estadual de Trânsito da Bahia), da rodoviária que terá ligação com a estação do Metrô de Águas Claras, o terminal de transporte de ônibus metropolitano e urbano e, futuramente, com o corredor de BRT (*Bus Rapid Transit* - sistema rápido de transporte público). Com essas obras do Estado, vieram alguns transtornos, como a retirada de algumas linhas de ônibus da região, que atualmente conta apenas com uma linha.



Imagem 02: Mapa de Localização de Águas Claras em relação ao Centro da cidade.

Fonte: *GoogleEarth*, 2020. Edição: Luar Vieira

Águas Claras possui cerca de 4.000.000² e 740.000 m² de área verde, segundo o (CONDER 2016). Se formos relacionar com a quantidade de habitantes, teríamos uma média de 20m²/hab. Entretanto, a quantidade mínima sugerida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) é de 12 m² de área verde por habitante, sendo a ideal composta por 36 m², cerca de três árvores, por morador. Mas o desmatamento causado pelo desenvolvimento urbano da “nova cidade”, também interferiu na qualidade das águas e no uso da Praia dos Pretos, onde parte foi represada para lagoas de estabilização, na Imagem 03 podemos compreender esse processo ao longo dos anos de 1986 a 2016.

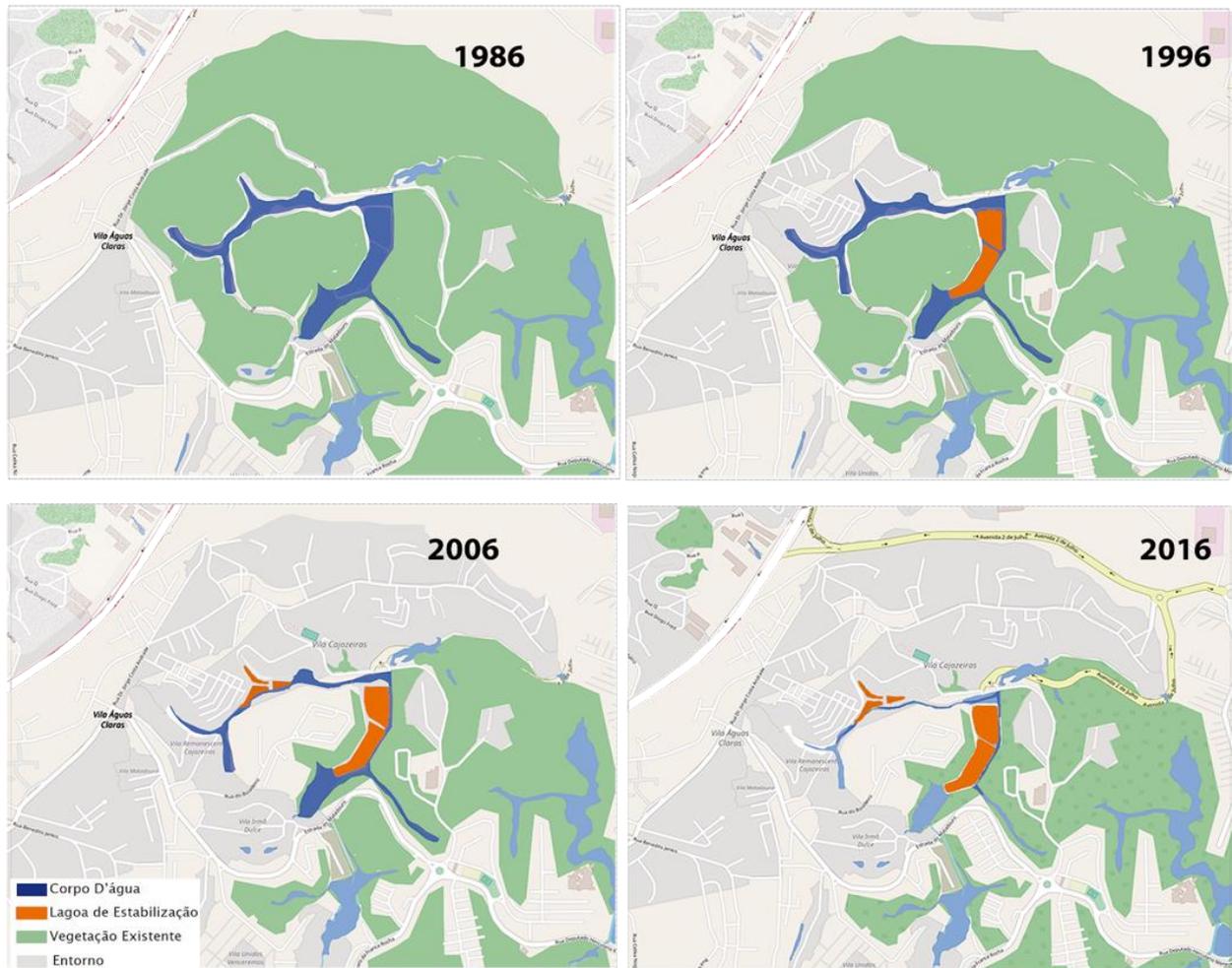


Imagem 03: Desaparecimento das águas e dos verdes. Fonte: CONDER.
 Edição: Luar Vieira, 2020.

Esta obra de saneamento básico quebrou parte do vínculo ambiental extrativista de subsistência ancestral, sendo necessário aprender a conviver e lidar com essa transmutação na paisagem periférica, onde o ar puro se mistura com o odor que exala as bactérias que decantam a matéria prima dos dejetos.

O Pinicão consiste em um tratamento de esgoto simples (quando comparado a outros tratamentos), eficiente, possui baixo custo construtivo e operacional, mas é necessário dispor de uma grande área para sua instalação, sendo o único cuidado complementar à previsão de tratamento preliminar, provido de grade e caixa retentora de areia. Esse esgoto tem a uma demanda biológica de oxigênio solúvel finamente particulada e estabilizada aerobicamente por bactérias dispersas no meio líquido. O oxigênio requerido pelas bactérias aeróbias é fornecido pelas algas, através da fotossíntese. Para que ele depois seja disperso no meio líquido receptor (o rio), é preciso ficar de 10 a 50 dias de detenção dependendo da temperatura do ambiente.

A EMBASA (Empresa Baiana de Saneamento Básico), negligencia a manutenção nas lagoas de estabilização do bairro de Águas Claras, formando uma camada de lodo na superfície que prejudica seu funcionamento. De acordo com SANTOS (2004):

Evidencia-se que esse aporte diário de efluentes líquidos é levado e o sistema fluvial não possui condições naturais de diluir (capacidade de assimilar) o lançamento da carga poluidora que torna as águas inapropriáveis para usos nobres como o abastecimento domiciliar, preservação da fauna e flora recreação, lazer, dessedentação dos animais. Além disso, a má qualidade do corpo d'água torna-se um elemento indutor de doenças de veiculação hídrica que tem afetado ano após ano as populações locais. (SANTOS, 2004)



Imagem 04: Lagoa de Estabilização com camada de lodo em Águas Claras - Salvador.
Fonte: Luar Vieira.

Então, percebemos que essas ações como a implantação e descuido das lagoas de estabilização no território estão atreladas ao racismo ambiental, este conceito tem como base as injustiças sociais e ambientais, que desorganizam culturas, envenenando e degradando recursos naturais acessíveis para as etnias vulnerabilizadas. Segundo a Norma Técnica Sabesp, (2009):

as lagoas de estabilização devem ser construídas afastadas das áreas urbanizadas e urbanizáveis conforme planos diretores locais e, distanciadas das residências em pelo menos 400 m, tomando-se o cuidado de o vento não soprar no sentido lagoa- comunidade na maior parte do tempo. (SABESP, 2009).

Em Águas Claras as lagoas de estabilização foram instaladas a menos de 10 metros de distância das residências já existentes e no sentido do vento lagoa-comunidade, tornando-se segundo BULLARD (1994) “zonas de sacrifício”, nas quais as populações excluídas e discriminadas são forçadas a viver e a trabalhar em condições indignas. Para SILVA (2012), esta é uma das formas de invisibilização destas comunidades, tratar o território ocupado por elas como vazio, ainda que elas estejam ali “estabelecidas” há séculos. O racismo ambiental, nos permite a reafirmação de que as injustiças ambientais são marcadas pelas injustiças raciais, elas também afetam os modos ancestrais de cultivo e consumo de alimentos, sendo vistos como negociáveis e passíveis de reformulação, estas práticas também colaboram para o nutricídio.

O nutricídio, termo utilizado pelo Dr. Llaila O. Afrika, para descrever a destruição nutricional da raça negra ROZA (2020), é uma forma de extermínio dos(as) corpos(as) vulneráveis pouco mencionada, ou seja, não é só a morte por tiro, é toda a lógica de exclusão baseada na raça, que faz com que nossas vidas sejam descartáveis no sistema. Esse conceito trata sobre o direito à alimentação, assegurado aos brasileiros pela Constituição Federal, a não garantia desse direito caracteriza uma situação de insegurança alimentar, atingindo a população negra periférica, povos originários, povos em situação de vulnerabilidade e rurais. Com o extrativismo em escassez e a Praia do Pretos represada, algumas famílias retiram o sustento do lixo ou pescam os peixes da espécie tilápia-do-nilo (*Oreochromis niloticus*) que é um peixe africano da família Cichlidae, encontrados no pinicão. Quando possível, consomem alimentos que possuem uma sobrecarga de agrotóxicos, transgênicos e ultraprocessados, reduzindo também a variedade de alimentos consumidos. Assim, através dos alimentos, povos e culturas vão sendo apagadas. Para além da fome, há um aumento a cada ano dos índices de doenças crônicas e consumo em massa da indústria farmacêutica.

Mas o pinicão é um espelho d’água que reflete a favela e a silhueta das belas árvores que ainda existem. As pessoas costumam ocupar seus arredores, como no ao final de semana para bater o “baba”, contemplar a natureza e o pôr do sol. Há 20 anos, algumas famílias ainda tiravam da mata e das águas que ainda resistiam à comida

daquele dia. Devido à degradação ambiental, percebe-se que alguns moradores que outrora possuíam uma relação com a natureza do lugar, atualmente, estão vendendo suas casas e seus quintais.

Quando proferimos a palavra *pinicão*, o imaginário sobre o território se traduz de forma negativa, ao pensar que ele representa somente uma lagoa de esgoto. Mas alguns moradores veem o Pinicão como lugar para contemplação do belo. A Imagem 04, representa o nascer do dia com a vista do Pinicão, fotografada por Amanda Santos da Boa Morte, moradora da comunidade há 27 anos. Na foto, percebemos a ressignificação da paisagem periférica estigmatizada.



Imagem 04: O nascer do dia no Pinicão. Fonte: Amanda Santos da Boa Morte, 2020.

Em contrapartida a todo esse processo, a partir do uso do território, atuais moradores(as) vêm resignificando a paisagem. Tais ações podem ser entendidas como táticas de resistência, pois essas tais experiências são forças criativas que reformulam a relação dos(as) corpos(as) e as resignificações espaciais reforçando o sentimento de pertencimento com o lugar. Nesse sentido concordamos com Carlos (2007, p.18), quando afirma que:

O lugar é entendido como a porção do espaço apropriável para a vida – apropriada através do corpo – dos sentidos – dos passos de seus moradores, é o bairro, é a praça, é a rua [...]. [...] o lugar é, em sua essência, produção humana, visto que se reproduz na relação entre espaço e sociedade, o que significa criação, estabelecimento de uma identidade [...] que se dá por meio de formas de apropriação [...]. O sujeito pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar se liga indissociavelmente à produção da vida.

É nesse sentido que a análise do fenômeno sociocultural, produzido nos bairros populares, configura-se como lugar para a ação política de sujeitos(as) sociais, que ao se apropriar do espaço subvertem a lógica de mercadoria da cidade. Através das táticas de resistência, os projetos sociais presentes no bairro são responsáveis pela gestão dos programas de melhoria no ensino, prática de artes e esportes que contribuem para o desenvolvimento de crianças, adolescentes e jovens racializados(as) que vivenciam cotidianamente situações de privação, exclusão e vulnerabilidade. A seguir a lista de alguns projetos sociais atuantes no território e suas principais atividades:

Nome	Atividade
JACA	Promove Saraus de Poesia, Capoeira, Oficinas de Artes Africanas, Eventos Musicais e Educação Ambiental através da prática da Metareciclagem.
MOCA	Reforço Escolar, Ensino de Percussão e Cinema Educativo.
Quilombo do Urubu	Quilombo Educacional que visa preparar a Juventude Negra e Periférica para o ingresso, em especial nas Universidades Públicas, além de discutir Cidadania e Consciência Negra.

Tabela 01: Projetos sociais atuantes. Autoria: Luar Vieira, 2020.



Imagem 05: O uso sociocultural do território. Fonte: Luar Vieira, 2018.

O racismo oculta nossas raízes, silencia vozes e apaga histórias capazes de contribuir para o entendimento sobre a construção desta paisagem periférica. Por isso, reiteramos a importância deste artigo que será mais um passo para o resgate histórico-cultural deste território.

MOVIMENTOS DO(A) CORPO(A) NA PAISAGEM PERIFÉRICA

A análise sobre as construções, descobertas e transmutações da paisagem periférica na comunidade que margeia o Pinicão no bairro de Águas Claras, serão refletidas com base nas (re)criações, improvisos e (re)invenções, esses movimentos criam elos de possibilidades para pensar a apropriação na cidade, reforçando o sentimento de pertencimento, autonomia e alteridade em lidar com os processos impostos pelo planejamento urbano.

À partes de minha corpa que ainda desconheço
De criança pequena, a mulher preta florescida
Me perdendo e me encontrando pelo mundo e seus começos
Nova vida, mas sentia falta das águas e da terra batida
A saudade é muita, por isso hoje te enalteço
É por essa ancestralidade que sou comprometida
Foi aqui que eu nasci e cresci e não podia imaginar
Que no fim do mundo, começaria o meu mundo
Seguir rumo ao futuro, mas ir era como voltar
Força vivida manifestava em meu eu profundo
Me agarrou e eu a deixei me dominar
Meu corpo (re)encontrava seu lar, mergulhei fundo
Na baixada das Águas Claras entre dores e amores
Nessa terra fértil, de mim enterrei uma parte
Mesmo que o meu amor não nutra todas as flores
Revelarei suas narrativas como obras de arte
Costuramos juntas caminhos arrebatadores
Para que a história apagada agora se farte
Territórios, corpos negros, um fio, uma trança
Nossas vidas pretas, raízes de uma mesma árvore
Águas Claras juntas polinizam esperança
Para que sua raiz todos os dias revigore
Fazendo da resistência uma dança
Provocando que o pertencimento aflore
Infelizmente o racismo aqui se faz proativo
Algumas raízes se proliferaram para outros lugares
Outras foram marcadas e cortadas sem motivos
As que resistem como organismos pluricelulares
Formam um pesponto afetivo
Mergulhando num único mundo de vários mundos complementares
Corpa sobre as Águas Claras - Luar Vieira, 2020

Percebemos como a poesia capta a essência do lugar, ressoa, possibilitando até quem não vive no bairro uma experiência sensível. Desse modo, incluímos experiências poéticas que fazem parte da memória através de ações, percepções e concepções, conduzindo para uma relação entre corpo(a)-paisagem produzida às margens da cidade que contribui para a construção de essências entre os sujeitos(as) racializados(as), onde a paisagem periférica nos revela a circularidade do movimento, das formas e das funções espaciais do uso do território, como nos remete Santos (1997), ao enunciar que a paisagem:

Ela nada tem de fixo, de imóvel. Cada vez que a sociedade passa por um processo de mudança, a economia, as relações sociais e políticas também mudam, em ritmos e intensidades variados. A mesma coisa acontece em relação ao espaço e à paisagem que se transforma para se adaptar às novas necessidades da sociedade (p. 37).

A estética negra urbana relaciona gestos, símbolos, signos e referências ancestrais que são recriadas na contemporaneidade evidenciando que o tempo é agora. Essas idas e vindas no tempo e no espaço são necessárias para entendermos o corpo(a) negro(a) nesse contexto diaspórico. Por isso, aqui refletimos que apesar das mudanças espaciais, os lugares são espaços da memória dos(as) corpos(as). É importante nos situarmos enquanto corpos negros atuantes⁸ no processo empírico da pesquisa, assumindo nossas corpos-paisagens⁹ que se descolam da margem ao centro, do centro à margem, esse movimento que para nós “exige a pressão contra limites opressivos estabelecidos pela raça, pelo sexo, pelas relações de classe” (hooks, 2017, p.2), o que configura uma proximidade dos fenômenos que envolvem as práticas de ocupações e vivências aqui colocados neste artigo, considerando assim:

⁸ Forma como as autoras negras deste artigo se identificam, enquanto corpos que se movimentam e atuam em espaços centrais e periféricos da cidade.

meu corpo, que é meu ponto de vista sobre o mundo, como um dos objetos desse mundo. [...] Da mesma forma, trato minha própria história perceptiva como um resultado de minhas relações com o mundo objetivo; meu presente, que é meu ponto de vista sobre o tempo, torna-se um momento do tempo entre todos os outros, minha duração um reflexo ou um aspecto abstrato do tempo universal, assim como meu corpo um modo de espaço objetivo. (MERLEAU-PONTY, 2011, p.108)

Percebemos que as ações de solidariedade, narrativas e estética negra que são capazes de vislumbrar os novos atos estéticos opositivos e alternativos (hooks, 2017), atos que emergem como táticas (CERTEAU, 1998) de resistência e transgressão, tangido pelo ponto de vista do espaço vivido, sentido e lugares de experiência (SERPA, 2002). O conceito de lugar torna-se importante para a compreensão do acontecer e da reprodução do espaço que é revelado no cotidiano do bairro de Águas Claras, onde encontramos os fios condutores das relações sociais aqui abordadas. Ao analisar as resistências e transformações em bairros populares de Salvador, o geógrafo Clímaco Dias destaca a importância de atrelar o lugar a indissociável dinâmica na cidade:

O lugar tensiona com o mundo, mas ele é também o mundo. E isso também se aplica ao bairro que, pelas diferenças do uso do território, muitas vezes cria resistências a outros usos existentes no lugar e na cidade, mas ele, o bairro, é indissociável da cidade, não pode ter tratamento bairrista (DIAS, 2017, p.47).

De tal modo, através das múltiplas narrativas construídas pelo(a) sujeito(a) que narra e não é lido mais como o Outro(a), mas como portador(a) da voz (HALL, 2003), ao refletir sobre a experiência atlântica negra em diáspora, pensamos nossas corpas-paisagens-periféricas¹⁰ como metodologicamente atuantes no processo de análise e experiências vividas em territórios periféricos.

¹⁰ Como maneira de subverter a forma masculina das palavras, utilizamos a palavra corpo no feminino, sendo então designada como 'corpa' que são também paisagens situadas que revelam o seu lugar de origem, a periferia.

Movimentos dos(as) corpos(as)...

A paisagem urbana pode ser entendida como o resultado de disputas pelo espaço e das suas diferentes formas de apropriação por seus habitantes. Essa apropriação do espaço deve ser entendida de duas formas: material e simbólica. A seletividade espacial da distribuição do capital, estabelece uma categoria de análise pertinente: os espaços luminosos e os espaços opacos (SANTOS, 2006). Por oposição aos espaços luminosos, aqueles territórios que acumulam densidades técnicas e informacionais e, portanto, se tornam mais aptos a atrair atividades tecnológicas, econômicas, e capitais, os espaços opacos se caracterizam pela carência desses recursos. Ao pensar as expressões do(a) corpos(as) negros(as) que se contrapõem ao espaço opaco, assumindo uma posição de levante carregada por signos, paixões, ações, formas e métodos, ocupando espaços luminosos que se diferenciam dos espaços opacos, aqui assumidos como os bairros negros de periferias urbanas, o que para Milton Santos, “são os espaços do aproximativo e da criatividade, opostos às zonas luminosas, espaços de exatidão” (SANTOS, M., 2006, p. 261).

Utilizamos as colagens como experimentações poéticas baseadas em uma metodologia autobiográfica, como representações e conexões que envolvem uma visão de mundo que engloba o todo, pois todas as coisas se religam e interagem (BÂ, 2010) em uma memória corporificada da paisagem, do lugar e do cosmo. É possível, então transformar o espaço através dessas narrativas expressivas, onde a (o) corpa(o)-paisagem-periférica(o) assume destaque criando percursos que semeiam a dialética da desconstrução e da construção de mundos (KILOMBA, 2016). Assim, as periferias das cidades contemporâneas proporcionam não somente o espaço do funcional, mas também o banal, da criatividade, do cotidiano.

A partir do século XVI com o início da ideia do eurocentrismo que permitiu legitimar a dominação e a exploração imperial, onde situa a origem da colonialidade no início do sistema/mundo moderno, que organiza diferenças e desigualdades entre os povos a partir da ideia de raça. A colonialidade impôs um padrão de normatividade que desumaniza e torna descartável tudo que não se enquadra na lógica hiper mercantilizada do sistema. Assim colocada nessa ciranda, as vidas nas cidades assumem padrões brancos eurocêntricos ao qual forçadamente são moldados para serem

seguidos de maneira a alienar o(a) sujeito(a). Mas é preciso considerar diversos movimentos que vão se contrapor a essa lógica, considerando as narrativas negras do lugar, as corporeidades, o cotidiano e como isso aparece nas paisagens periféricas onde a sua definição se dá por tudo que compõe o território, da trama de relações sociais ao cosmos. Neste sentido, pensamos na força criadora e criativa que emerge das paisagens periféricas.

NARRATIVAS VISUAIS E A COLAGEM COMO METODOLOGIA AUTOBIOGRÁFICA

Como entender as lutas através da paisagem periférica corporificada? Nesse sentido refletimos os atravessamentos da paisagem que envolve as dimensões materiais e simbólicas do corpo/lugar, bem como potencialidades da criação de brechas e interstícios, com o (outro) mundo que já se anuncia. Interpretar as transformações da paisagem periférica nas suas experiências vividas e seus significados molda de maneira fluida e forma os sujeitos. Acreditamos que as transformações e re-significações do lugar em ações sobrepostas pelo território são de significativa relevância para entender a dimensão do corpo-lugar na re-apropriação da paisagem modificada, que reflete nas culturas e práticas. Portanto, a ressignificação dessa paisagem periférica e seu universo simbólico representam como os sujeitos interpretam e agem no mundo e quais as consequências de toda essa dinamicidade e “desenvolvimento” para os indivíduos envolvidos neste processo. Construindo poéticas e narrativas visuais através da colagem digital, refletimos a transformação de referências estéticas do lugar periférico que são ressignificadas através de signos corporificados. Com intuito de traçar elementos que dialogam de maneira coletiva, no movimento circular que também são reflexo do movimento afrodiaspórico dentro do contexto brasileiro contemporâneo, conecta passado, presente e futuro através de expressões orais e visuais inspiradas pelo espaço sociocultural, tensionando a apropriação da cidade por meio do corpo-estética-negra.



Imagem 06: Às Águas Claras sobre as corpos. Autoria: Luar Vieira, 2020.

A colagem representada pela Imagem 06, denota um mergulho nas águas doces da Praia dos Pretos, hoje somente presente no imaginário de alguns moradores(as), onde o corpo encontra o seu lugar no território, envolvidos por um pesponto que cria um laço sem apertar. A colagem deriva da palavra francesa “*coller*”, e é definida como uma composição artística feita de vários materiais (papel, pano ou madeira), colocados em uma superfície. No entanto, o que chamamos de colagem artística é algo mais recente, remete ao princípio do século XX. O cubismo foi o primeiro movimento artístico a utilizar a colagem de forma concreta artisticamente; os cubistas colavam pedaços de jornal ou impressos em suas pinturas. Posteriormente, o surrealismo também aderiria a técnica.

Como o(a) negra(o) tem sido registrado(a) e representado(a) na arte? A estética negra, corpo-expressão, é cruelmente estereotipada e recriminada. No campo das micro-resistências urbanas, interpretamos tais corporeidades estéticas artísticas como modos de escape e de expressão de um(a) corpo(a) insurgente na cidade contra a lógica hegemônica, pois tensionam também o lugar-padrão de beleza. As expressões corporificadas utilizam a linguagem, a estética e a performance, através do registro corpo(a)-paisagem que mantém em processo tanto sua narrativa ancestral quanto as materialidades e símbolos da cidade contemporânea. As narrativas desses sujeitos criam apropriações sensíveis da paisagem ao celebrar suas ideias de ser-no-mundo assim como a criatividade do devir, e podem nos trazer pistas porque a arte e a cultura produzidas na periferia podem ser um artifício daqueles que lutam pelo direito à vida nas cidades, independente da vinculação aos tradicionais movimentos sociais, bem como partidos políticos. Concordamos com a pesquisadora Ileana Diéguez (2011, p. 184), quando ela afirma:

Penso que toda arte é política, não me referindo ao 'político' em termos de 'discurso ideológico'. A estetização do político hoje não se define como expressão de projetos totalitários e muito menos fascistas, mas pela elaboração das ações cidadãs ao envolver dispositivos artísticos que diferenciam-se da linguagem habitual do protesto. Tendo estas ações uma representacionalidade política própria, é no estranhamento e na produção de linguagens simbólicos/metafóricos que elas alcançam um potencial e transformam-se em gestos extracotidianos que desautomatizam as gesticulações políticas comuns.

Movimentos dos(as) corpos(as)...



Imagem 07: Corpo(a)-paisagem-periférica. Autoria: Luar Vieira.

Há algo de poderoso quando as pessoas contam suas histórias a partir das suas próprias linguagens ou criam a partir de suas vivências. Quando escrever e falar sobre si se torna também acessar uma subjetividade que é tanto individual como coletiva, são experiências que atravessam corpos específicos e resistências viscerais na dialética da fala, como nos indaga a artista e pesquisadora Grada Kilomba (2010) “Quem pode falar? Quem não pode? E acima de tudo, sobre o que podemos falar?” (KILOMBA, 2010, p. 172).

Existe um medo apreensivo de que, se o/a colonizado/a falar, o/a colonizador/a terá que ouvir e seria forçado/a a entrar em uma confrontação desconfortável com as verdades do ‘Outro’. Verdades que supostamente não deveriam ser ditas, ouvidas, mas que “deveriam” ser mantidas em silêncio como segredos. Gosto muito dessa expressão, “mantidas em silêncio como segredos”, pois ela anuncia o momento em que alguém está prestes a revelar algo que se presume não ser permitido dizer (o que se subentende como um segredo). Segredos como a escravidão. Segredos como o colonialismo. Segredos como o racismo (KILOMBA, 2010, p. 172).

Neste percurso, é relevante as formas como alguns agentes provenientes de populações socialmente excluídas utilizam-se do corpo-expressão que cria identidades com o lugar. Em caráter de urgência, o que para Milton Santos (1996) são os que “não podem, por muito tempo, estar em fase com esse imaginário perverso e acabam descobrindo suas fabulações” (SANTOS, M., 1996, p. 261). Tais fabulações também são necessárias para recriar o lugar. Na imagem 08, há elementos da abundância da flora e fauna que faziam parte da paisagem da Praia dos Pretos, anterior à poluição das suas águas.



Imagem 08:(re)criando a fauna e flora. Autoria: Luar Vieira.

O rap a seguir fala da estética periférica, do lugar de encontro, do modelo da roupa que identifica pertencimento a um determinado grupo 'os crias', através dela podemos identificar esses signos demarcadores de uma geografia corporal.

De Kenner
 Os cria da VIP vai de Kenner
 Nove em dez no baile 'tão de camisa do Messi
 Cyclone, bigodin' finin', corrente Juliet
 Da mesma cor pra combinar com o Kenner
 (FBC, de Kenner)

Ao expressar o sentido de topofilia – amor ao lugar – atrelado a paisagem periférica corporificada, que são experiências, símbolos, significados e permanências que contribuem para forjar o sentido de lugar que nos convoca ao menos imaginar estes possíveis corpos-paisagens.

TRANSFLUÊNCIAS NEGRAS E FABULANDO COMEÇOS: O DEVIR DAS ÁGUAS CLARAS

Dentro desta estrutura racista, refletir acerca da cosmologia vivida dentro das paisagens periféricas é um caminho para entendê-la como um polo irradiador de força. É por isso que no universo tudo fala: “tudo é fala que ganhou corpo e forma.” (HAMPATÉ BÂ, 2010.p. 172). Ou seja, através do(a) corpo(a)-expressão-negra repensamos as formas pelas quais concebemos e apreendemos o universo e, com isso, a nossa própria concepção de existência.

Por isso, nessa seção buscamos entender como a cosmologia negra se faz atuante e presente na análise da paisagem periférica do bairro de Águas Claras. Primeiramente, entendemos que a paisagem não está dividida em partes, ela é (re)criada, improvisada e (re)inventada em toda sua totalidade, integrando todos os seres do universo. Neste sentido, pretendemos, de maneira introdutória, salientar as táticas de resistência que não são vistas, mas são acessadas através dos sentidos dos(as) corpos(as).

A cosmologia estuda a estrutura e evolução do universo, sendo ela a leitura e interpretação dos mundos e seus(as) corpos(as). As abordagens a respeito do termo podem conter traduções confusas, complexas e diversas. Para o entendimento é necessário transbordar o vazio, desintegrando as unidades que categorizam o(a) corpo(a) para o novo mundo e re-configura-lo(a) a partir dos pluriversos (diversos mundos). A cosmologia negra da paisagem periférica revela-se no movimento das essências do ser, “onde ele é, em si, é um “objeto” [ma] em movimento, pois é um trilhador-de-em-volta [n’zûngi a nzila] nos seus mundos superior e inferior.” (Santos, 2019 apud Fu-Kiau, 1969).

As cosmologias negras às quais podemos recorrer, dentro das nossas reflexões e da densidade da nossa carne, são, simultaneamente, emanções ancestrais, instantes no presente e devir. (SANTANA, 2019, p. 56).

É como se nós nos encontrássemos presentes nas multiplicidades gerando uma “interconectividade de todas as coisas” (ASANTE, 2014, p. 31). Essa força cosmológica

faz o ontem, o amanhã e o agora acontecerem dando vida-movimento à paisagem periférica. Quando identificamos corpos(as) racializados(as), referenciamos-nos na expressão dos(as) nossos(as). Ao me referenciar eu traduzo e recreio uma nova paisagem periférica baseada nas transfluências entre corpo, lugar e cosmos. A citação abaixo de Antonio Bispo Dos Santos nos ajuda este conceito:

Trabalho com os conceitos de “confluência” e “transfluência”. Confluência foi um conceito muito fácil de elaborar porque foi só observar o movimento das águas pelos rios, pela terra. Transfluência demorou um pouco mais porque tive que observar o movimento das águas pelo céu. Para entender como um rio que está no Brasil conflui com um rio que está na África eu demorei muito tempo. E percebi que ele faz isso pela chuva, pelas nuvens. Pelos rios do céu. Então, se é possível que as águas doces que estão no Brasil cheguem à África pelo céu, também pelo céu a sabedoria do nosso povo pode chegar até nós no Brasil. É por isso que, mesmo tentando tirar nossa língua, nossos modos, não tiraram a nossa relação com o cosmo. Não tiraram a nossa sabedoria. É por isso que nós conseguimos nos reeditar de forma sábia, sem agredir os verdadeiros donos desse território que são os irmãos indígenas. Nós tivemos essa capacidade porque os nossos mais velhos que estavam em África, apesar de sermos proibidos de voltar para lá, vieram pela cosmologia. Isso é o que nós chamamos de transfluência. (Santos, 2018, p.7)

Segundo o (CONDER 2016), 53% dos 32 mil habitantes do bairro de Águas Claras são do sexo feminino. Quando analisamos as paisagens periféricas, percebemos traços das identidades territoriais que as constituem, como as transmutações dos saberes e práticas. Sabendo que essas terras foram habitadas por índios, quilombolas e Maria Zeferina, uma mulher negra que foi presa lutando em defesa do seu povo e suas terras, onde o planejamento urbano realizado inicialmente pelo programa URBIS levou um grupo de mulheres junto com a associação de moradores também a lutar pelos seus direitos ligados a essas terras, percebemos como as forças das transfluências agem sobre o território, representadas na Imagem 09.



Imagem 09: Transfluências. Autoria: Luar Vieira

Consideramos que a cidade deve também suprir necessidades que fogem da lógica de consumo, ressaltamos o uso do território como lugar das funcionalidades lúdicas e momentos de pausa. As táticas de resistência são como respostas ao processo de exclusão de projetos urbanos dos bairros populares e as narrativas que são contadas por outras óticas que denunciam em caráter cidadão as contradições e desigualdades das distribuições de recursos e acessos. Dessa maneira, reivindicamos que a vida cotidiana das pessoas pretas oriundas de favelas deve ter espaços que sejam propícios para as fabulações. Nesse sentido, no que abarca para além da demanda de infraestrutura do lugar, mas também símbolos afetivos e culturais, SELDIN (2015) ressalva que:

Todos os sujeitos almejam possuir uma significância cultural, de modo a não se sentirem deixados de lado. Mais do que isso, todos almejam a concretização de um sentimento de pertencimento a um local. O projeto urbano deveria ter como dever o respeito a este sentimento, possibilitando a concretização do *genius loci* e o usufruto pleno do espaço por aqueles que os vivenciam. No entanto, percebemos que, com frequência, não é isso o que acontece. Nas metrópoles ocidentais contemporâneas, os projetos urbanos têm sido cada vez mais utilizados para cumprir os objetivos de agendas políticas ou econômicas que mostram pouca preocupação com as experiências locais, com a solução de problemas e com as reais carências dos habitantes das cidades. Observamos atualmente uma falta de preocupação, nos campos da Arquitetura, do Urbanismo e do Planejamento Urbano, com a conexão entre o projeto da cidade – o desenho, e as reais experiências nela existentes – as histórias, as ações, as relações, os conflitos, as diferenças e as demais subjetividades que moldam as singularidades do espaço urbano. (SELDIN, 2015, p.06).

Pensando na arquitetura, o urbanismo e o paisagismo como elementos criativos, que podem ser ferramentas para a democratização do acesso a equipamentos públicos, fabulamos junto a proposta de projeto do Trabalho Final de Graduação intitulado Parque Municipal Águas Claras: Preservação e Inclusão Social. Projetado com participação popular, para essa área com o intuito de conter os desmatamentos, apagamento da memória, urbanismo desenfreado, reforçar o pertencimento e o contato com a natureza, criando assim um espaço público de qualidade em áreas remanescentes do tratamento de esgoto. De acordo com PEREIRA (2020):

Se o projeto é essa plataforma de interlocução constituída e anunciada do interior de uma certa racionalidade disciplinarizada, ele também anuncia uma intenção de criação que trata racionalizar visando realizar essa ação no mundo. Ele opera sobre o desejo de incidência e transformação, um instrumento de projeção, de simulação de intenções. (PEREIRA, 2020).

Movimentos dos(as) corpos(as)...

Fabulando futuros possíveis, a proposta de projeto do Parque Municipal Águas Claras caso fosse executada poderia colaborar para uma sociedade sustentável, através do uso social da paisagem e da preservação do ecossistema, potencializando assim a nossa qualidade ambiental urbana. Observou-se na proposta que houve uma apropriação do entorno, da vegetação e dos esgotos, formando uma alternativa positiva para este local visto como “perdido”. A planície do local conduziu que a acessibilidade se fizesse presente em toda sua extensão, aspectos sustentáveis foram adotados também nos materiais empregados. E com cinquenta e duas atividades no programa do Parque Águas Claras, o(a) corpo(a) se mantém em movimento variado com o território e seus elementos de representatividade. O lazer e a autogestão reforçam a importância da apropriação do lugar, como espaço do acontecer que foge da lógica meramente mercantilista da cidade contemporânea.

Nos bairros periféricos da cidade de Salvador, assim como em outras periferias urbanas, existe uma demanda referente a espaços de lazer da população. Quando construídos sobre as sobras do sistema viário são pouco amistosos e inclusivos, e geralmente não atendem às necessidades do local, por falta de análise do contexto histórico-cultural e das dinâmicas sociais. Esta proposta de projeto nos aproxima de uma abordagem metodológica que se preocupa diretamente com as pessoas e suas narrativas que constroem a historicidade do local. Por isso, foi essencial a integração com a acessibilidade, análise do contexto de inserção, espaços verdes, dinâmicas sociais e afetos, pensando numa cidade de pessoas para pessoas. Para PEREIRA (2020), o projeto tem um dos seguintes propósitos:

Ele permanece existindo enquanto intenção de afetação e criação de algo em um certo lugar no mundo e resguarda a intenção daquilo que foi (ou não) concretizado. Ao pensar o projeto desse modo, enquanto um objeto autônomo, distinto da coisa que ele intenciona que exista, uma outra imagem emerge para *imagear* a reflexão: o projeto como um arquivo (histórico) ficcional. (PEREIRA, 2020)



Imagem 10: Perspectiva de um começo. Fonte: Luar Vieira, 2018.

Refletindo sobre utopias experimentais, saberes ordinários dos habitantes do seu lugar de vida, apropriação dos bens públicos e a forma como se relacionam e as maneiras de suportar o mundo, a sociedade excludente, as paisagens-periféricas como expressão negra urbana aparecem como possibilidade de interpretar e recriar esferas a partir de suas próprias experiências. Acreditamos na importância e no papel que as táticas de resistências representam na cidade e principalmente para aqueles que advêm de bairros populares, os(as) corpos(as)-expressão-negra são produção de valores, brechas e fazer político de reivindicações à participação efetiva da cidade de maneira democrática que descortina o planejamento urbano carregado de ideologia de uma classe dominante que oculta diferenças e legitimam a lógica de produção hegemônica.

REFERÊNCIAS

a) LIVROS

BULLARD, R. D. *Unequal Protection: Environmental Justice and Communities of Color*. San Francisco: Sierra Book Club, 1994. 392p.

CAMPOS, Andreilino. *Do quilombo à favela: a produção do “espaço criminalizado” no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O Lugar no/do mundo*. São Paulo: Labur, 2007.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998

DARDEL, Eric. *O homem e a terra*. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DIAS, Clímaco. *Práticas socioespaciais e processos de resistência na grande cidade: relações de solidariedade nos bairros populares de Salvador*. Tese de doutorado – Programa de Pós Graduação em Geografia, Universidade Federal da Bahia, 2017.

DIÉGUEZ, Ileana. *Cenários liminares: teatralidade, performance e política*. Uberlândia: Edufu, 2011.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

SANTOS, Milton. *Pensando o espaço do homem*. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SANTOS, E. et al. *O Caminho das Águas em Salvador: Bacias Hidrográficas, Bairros e Fontes*: subtítulo do livro. 1. ed. Salvador: CIAGS/UFBA; SEMA, 2010, 2010. p. 1-245.

SELDIN, Claudia. *Da Capital de Cultura à Cidade Criativa: Resistências a Paradigmas Urbanos sob a Inspiração de Berlim*. 224 f. 2015. Tese (Doutorado em Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Norma Técnica Sabesp - *Projeto de lagoas de estabilização e seu tratamento complementar para esgoto sanitário*. Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo. 2009. p30.

SERPA, A. *Margens de Salvador: A Produção do Espaço Periférico Metropolitano*. In: LIMA, Paulo Costa; LUZ, Ana Maria de Carvalho; CARVALHO, Manoel José de; SERRA, Ordep (Orgs.). Quem Faz Salvador? Salvador-Bahia, 2002, p. 295-303.

b) CAPÍTULOS DE LIVROS

BÂ, Amadou Hampâté. **A tradição viva**. In.: KI-ZERBO, Joseph. (Coord.). História Geral da África I: Metodologia e pré-história da África. 2 ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010, p.181-218.

BESSE, Jean-Marc. **Le paysage, espace sensible, espace public**. Meta: Research in hermeneutics, phenomenology, and practical philosophy, v. II, n. 2, p. 259-286, / 2010. Disponível em: http://www.metajournal.org/articles_pdf/259-286-jm-besse-meta4-tehno.pdf Acesso em: nov. 2020.

CONDER. 2016. **Sistema de Informações Geográficas Urbanas do Estado da Bahia** – INFORMS. Governo da Bahia. p. 47.

GOMES, N. L. **Trajetórias Escolares, Corpo Negro e Cabelo Crespo: Reprodução de Estereótipos ou Ressignificação Cultural?** Revista Brasileira de Educação, nº 21, São Paulo, Brasil, p.40-51

HALL, Stuart. **Da Diáspora. Identidades e mediações culturais**. In. SOVIK, Liv (Org.) Belo Horizonte: Ed UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003. Capítulo 3: Cultura Popular e Identidade. Que "negro" é esse na cultura negra, pp. 335-349.170.

MARTINS, Leda. **Performances da oralitura: corpo, lugar da memória**. Letras (Santa Maria), Santa Maria, v, 25, p. 55-71, 2003.

Santos, Tiganá Santana Neves. **A cosmologia africana dos bantu-kongo por Bunseki Fu-Kiau: tradução negra, reflexões e diálogos a partir do Brasil**. São Paulo, p. 6-38, 2019.

c) ARTIGOS

ASANTE, Molefi Kete. **Afrocentricidade: a teoria de mudança social**. Trad. Ana Monteiro Ferreira, Ama Mizani e Ana Lucia. Philadelphia: Afrocentricity International, 2014.

DOMINGOS, Thomás. **A visão africana em relação à natureza**. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf8/ST12/003%20-> Acesso em: 10 de nov. 2020.

KILOMBA, Grada. **Descolonizando o conhecimento – uma palestra performance**. Trad. Jessica Oliveira. 2016. Disponível: https://www.academia.edu/23391789/Tradu%C3%A7%C3%A3o_para_o_Portugu%C3%AAs_de_DESCOLONIZANDO_O_CONHECIMENTO_Uma_Palestra_Performance_de_Grada_Kilomba Acesso em: 28 out. 2020.

OLIVEIRA, E. **Filosofia da ancestralidade como filosofia africana: educação e cultura afro-brasileira**. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação, n. 18, p. 28-47, maio/out. 2012. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/4456/4068> Acesso em: 10 dez. 2020.

PEREIRA, Gabriela Leandro. **Deslocar o projeto e imagear outros mundos**. Ação Bate-Papo + Hipótese, 2020.

ROZA, Gabriele. **Nutricídio pós coronavírus ameaça negros e pobres**. data_labe. 2020. Disponível em: <https://www.casau.org/nutricidio-pos-coronavirus-ameaca-negros-e-pobres/>

SANTOS, Antonio Bispo. **Somos da terra**. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 12, página 44 - 51, 2018.

SILVA, Lays Helena. **Ambiente e justiça: sobre a utilidade do conceito de racismo ambiental no contexto brasileiro**. e-cadernos ces [Online], 17, 2012. SANT'ANA, Marcel Cláudio. **A Cor do Espaço Urbano**. Jornal online Irohin, nº 19 - <http://www.irohin.org.br/imp/template.php?edition=19>, 2007

SANTANA, Tiganá. **Tradução, Interações e Cosmologias Africanas**. Universidade Federal de Santa Catarina. Caderno de Tradução, Florianópolis, v. 39, nº esp., 2019, p. 65-77.

SANTOS, Jémison Mattos. **Dinâmica das Águas superficiais da bacia hidrográfica do rio Paraguari Salvador Bahia**. Universidade Estadual da Bahia, 2004. Disponível em: http://www2.uefs.br/geotropicos/DIN%C2MICA%20DAS%20C1GUAS%20SUPERFICIAIS%20DA%20BACIA%20HIDROGR_DO%20RIO%20PARAGUARI_SSA_BA.pdf

